

## Uma figura emblemática: Franz Mehring\*

ANTONIO ROBERTO BERTELLI\*\*

A importância de Franz Mehring para a conformação das bases de desenvolvimento do pensamento marxista, especialmente de uma teoria estética marxista, tem sido pouco discutida entre nós. Por motivos óbvios, não é aqui o lugar para esgotar a questão. Entretanto, devido à sua relevância, não é possível deixar de dedicar-lhe algumas considerações.

Em primeiro lugar, deve-se esclarecer que a própria relação de Mehring com o marxismo e a social-democracia, bem como o desenvolvimento de suas teorias, estão extremamente ligados à questão dos intelectuais. Suas origens sociais e culturais, a maneira como se vinculou à social-democracia, seus interesses enquanto intelectual e, evidentemente, as grandes questões em que se viu envolvido no decorrer de sua vida de militante e de elaborador teórico assim nos mostram.

Para destacar a importância de Mehring para o marxismo em geral, tão desconhecida e ignorada de forma quase total entre os que se dedicam ao seu estudo, especialmente entre nós, deixemos a palavra com Rosa Luxemburg, que desde o início de sua militância no SPD, no final do século passado, até sua morte, foi sua leal amiga e camarada de lutas:

*Meu venerado amigo:*

*Você tem que me permitir que reproduza aqui as poucas palavras com que tentei dizer-lhe verbalmente por que sua personalidade e sua obra são e continuarão sendo sempre tão caras para mim. Há muitos anos, por direito próprio, você ocupa próximo de nós um lugar que ninguém pode lhe disputar: o de representante da autêntica cultura do século em todo o seu brilho e esplendor. E se segundo Marx e Engels o proletariado alemão é o herdeiro histórico da filosofia clássica alemã, você é o testamenteiro dessa herança. Você salvou do campo da burguesia para trazê-los para o nosso, o campo dos socialmente deserdados, todos os tesouros que ainda guardava a cultura da burguesia em outro tempo espiritual. Seus livros e seus artigos*



Rosa Luxemburg

*familiarizaram intimamente o proletariado alemão, não só com a filosofia clássica alemã, mas também com os poetas clássicos, não somente com Kant e Hegel, mas também com Lessing, Schiller e Goethe. Com cada traço de sua pena maravilhosa você ensinou a nossos operários que o socialismo não é precisamente um problema de garfo e faca, mas um movimento de cultura, uma grande e poderosa concepção do mundo. Defendê-la, permanecer de pé em sua guarda é a missão que você se impôs há mais de uma geração. É verdade que hoje — a partir da espantosa derrocada da guerra mundial — os herdeiros da filosofia clássica andam como míseros mendigos cheios de penúrias. Mas as férreas leis da dialética histórica que você soube expor diante do proletariado, dia após dia, com mão de mestre, farão com que os mendigos, os “deserdados” de hoje, voltem a se erguer e sejam outra vez lutadores ferozes e indomáveis. Tão logo o espírito do socialismo volte a soprar nas fileiras do proletariado alemão, seu primeiro movimento será para estender as mãos para suas obras, para os*

\* Versão modificada, de parte de um ensaio dedicado ao estudo da social-democracia alemã, em elaboração.

\*\* Sociólogo e editor.

*frutos do trabalho de sua vida, cujo valor é imprecívél e nos quais vive sempre o mesmo perfume de idéias fortes e nobres. Hoje, em que as inteligências de origem burguesa nos traem e se afastam de nós em rebanhos para retornar aos estábulos dos que mandam, podemos vê-los marchar com um sorriso de desprezo e dizer-lhes: Fostes em boa hora! O que nos importa que fostes, se arrancamos da burguesia alemã o último e o melhor que lhe restava de espírito, talento e caráter: Franz Mehring? Sempre sua, cordialmente,*

*Rosa Luxemburg*<sup>1</sup>

São palavras escritas em 1916, praticamente no fim da vida de Mehring (ele morreria em 29 de janeiro de 1919, exatamente catorze dias depois que, na noite de 15 de janeiro, Rosa Luxemburg foi presa e assassinada, juntamente com Karl Liebknecht, pelos Corpos Livres paramilitares do governo ironicamente presidido pelo social-democrata Scheidemann e do ministro do Interior, Noske, também um social-democrata, a quem estavam subordinados) e representam a opinião de uma pensadora marxista que tinha idéia da importância das obras e da contribuição de Mehring para o desenvolvimento do marxismo e da social-democracia alemã.

Entretanto, se tais palavras coroam o reconhecimento de Rosa Luxemburg a Franz Mehring por sua vida de intelectual e de militante da social-democracia, se aparentemente demonstram uma possível simpatia política, já que o velho Mehring ficara a seu lado e de Karl Liebknecht nas lutas travadas contra a direção “majoritária” e os apoiara sem restrições na formação da Spartakusbund e em toda a sua conturbada vida política, mesmo no sentido da formação de um novo partido, o Partido Comunista da Alemanha, KPD (que se daria concretamente depois que os três já tinham morrido), havia uma outra razão que não era apenas de cunho político-ideológico para tal reconhecimento: Rosa Luxemburg era uma das poucas que, exatamente por estar imbuída do mesmo caldo cultural que caracterizou a formação de Mehring, podia avaliar com exatidão a relevância de toda a sua produção teórica e o valor de sua figura política.

Para descrever a formação e o desenvolvimento intelectual de Franz Mehring, a ambiência histórica que cercou esse processo, bem como a inserção de Rosa Luxemburg nesse “caldo cultural”, seria conveniente dar a palavra a um outro marxista que, embora em certa época de sua formação tenha se notabilizado por uma polêmica de algum modo desproporcional contra “o marxismo de

Mehring”, revelará posteriormente ter igual admiração por ele e pelo marxismo mehringuiano um débito enorme:

Uma das maiores debilidades dos partidos da Segunda Internacional consistia em terem deixado apagar quase completamente as vivas tradições democrático-revolucionárias. Esta afirmação vale do modo mais literal para a Inglaterra; mas indica também um importante fundamento de muitos erros ideológicos da social-democracia alemã. O período das revoluções burguesas havia se concluído para os países ocidentais; e a revolução proletária ainda não parecia estar às portas para eles, não parecia ser ainda uma tarefa atual. Os partidos se inseriram cada vez mais completamente num legalismo parlamentar e sindical. Foram muito poucos os que se deram conta de que a entrada no período imperialista significava a abertura de uma fase de decisivas lutas revolucionárias. Ainda mais: como se sabe, as condições econômico-sociais do período imperialista motivaram uma liquidação aberta dos objetivos e dos métodos revolucionários do movimento operário, a tendência do partido operário para transformar-se num partido operário liberal: isto é, o revisionismo. Mas também a luta da ala esquerda contra o revisionismo foi, precisamente nas questões mais decisivas (ditadura do proletariado), muito oscilante e irresoluta. A ala esquerda combatia a tática dos revisionistas, mas não era capaz de descobrir e destruir radicalmente sua concepção do mundo e sua estratégia.

O fundamento objetivo da superioridade dos bolcheviques diante de todos os partidos da Segunda Internacional consistiu, entre outras coisas — mas esta não é a menor —, no fato de que conseguiram ligar sem interrupção as tradições revolucionárias do passado com as tarefas atuais do presente, ou seja, na satisfação da objetiva necessidade de vincular dialeticamente numa ação realmente revolucionária a herança do passado revolucionário, incluídas as tradições da conseqüente concepção radical da revolução burguesa (por exemplo, o jacobinismo de 1793), com as tarefas do proletariado e de sua vanguarda revolucionária. Sem dúvida foi preciso o gênio de Lênin, colocado na liderança dos bolcheviques, para recolher as exigências dessa situação objetiva, penetrar teórica e praticamente em seus problemas, despertar para uma nova vida a concreta teoria revolucionária de Marx, com a ajuda de uma correta generalização das novas experiências revolucionárias, e enriquecer e continuar além do mais essa doutrina. Mas esses resultados táticos, estratégicos e organizativos dos bolcheviques, juntamente com as correspondentes experiências, ficaram de fora da compreensão inclusive dos melhores dirigentes e teóricos da Segunda Internacional. Nenhum deles compreendeu o fato de que, segundo a expressão de Lênin, “não há nenhuma muralha chinesa que separe

a revolução burguesa da proletária”, e por isso as extraordinárias experiências e os importantes conhecimentos tático-estratégicos obtidos por Marx e Engels no período preparatório da revolução de 1848 ficaram sem a menor utilização. Diante da liquidação aberta ou oculta da revolução na ala direita e no centro do movimento operário, surgiu na ala esquerda o fantasma de uma revolução “puramente” proletária, que, na política cotidiana, dava lugar a freqüentes e excessivas concessões ao oportunismo, ao legalismo parlamentar, etc., o que tinha como conseqüência prática a completa ignorância de que as questões, ainda por resolver, da revolução burguesa na Alemanha eram um momento da revolução proletária. (Pense-se na crítica ao Programa de Erfurt de Engels.) Aludindo à crítica de Engels, Lênin disse: “A tradição republicana está muito debilitada entre os socialistas da Europa. A coisa é compreensível e pode ser justificada parcialmente na medida em que a proximidade da revolução *socialista* elimina a importância prática da luta pela revolução *burguesa*. Mas não poucas vezes o debilitamento da propaganda republicana significa não uma viva pressão para a plena vitória do proletariado, mas um enfraquecimento do reconhecimento das tarefas revolucionárias do proletariado em geral”.

A peculiar atitude que Mehring adota na social-democracia alemã da época se baseia muito essencialmente em que nele essas tradições eram muito mais vivas que na maioria dos dirigentes. Mehring não teve uma experiência pessoal do 1848. Mas teve a fase decisiva da sua evolução juvenil num ambiente que conservava ainda vivas as tradições revolucionárias burguesas de 1848: o círculo de Guido Weiss, Franz Ziegler, Johann Jacoby, etc. Desse círculo Mehring tomou para toda a sua vida um sadio e inflexível ódio pela Alemanha que havia recebido sua unidade anã, antidemocrática e imperfeita por uma “revolução a partir de cima”, mediante “sangue e ferro”, e não, como a França e a Inglaterra, por obra de uma vitoriosa revolução burguesa unificadora. É possível que Mehring tenha formulado muitas vezes seu ponto de vista de um modo imperfeito ou até falso; mas sempre se manteve como inimigo dos senhores da Alemanha de seu tempo, e não somente como opositor parlamentar. Para Mehring, um 4 de agosto estava *a priori* excluído, enquanto o fato de estipular, antes ou depois, a paz com a Alemanha imperialista estava desde o primeiro momento implícito na atitude teórica assumida por grande parte dos chamados líderes da ala esquerda (Cunow, Lensch, etc.). E por diversa que tenha sido a evolução dos posteriores dirigentes do grupo espartaquista, essas tradições revolucionárias burguesas continuaram vivas em todos eles. Em Rosa Luxemburg, através do movimento operário russo e polonês; em Karl Liebknecht, através das tradições pessoais de seu pai, Wilhelm Liebknecht, velho

combatente de 1848. Precisamente a personalidade de Wilhelm Liebknecht é adequada para ilustrar os elementos positivos, mas também as limitações da personalidade de Mehring. Conhecemos hoje, graças à publicação do epistolário Marx-Engels, a crítica severa a que submeteram a atividade de Liebknecht, crítica sempre justificada e correta [...] Mas a alusão a Wilhelm Liebknecht deve ser vista somente como critério de orientação. No que diz respeito à clareza marxista e à capacidade de praticar uma verdadeira análise de classe, Mehring supera de longe o velho Liebknecht. Exatamente o que lançou Mehring no movimento operário foi sua amarga decepção com a democracia burguesa [...] O perigo que o ameaçava por sua origem [prussiana] foi muito mais o da identificação do papel da Prússia como portadora da idéia da unidade alemã com a idéia do progresso, tradição que levou à glorificação de Frederico II e que também estava viva em Lassalle; para não falar dos democratas burgueses do tipo Ziegler. Também Mehring sucumbiu a esse perigo em sua juventude. Mas abriu caminho até o movimento operário exatamente superando e combatendo essas tradições. E foi esse caminho que o levou a adotar o marxismo em sua *Weltanschauung*, convertendo-o no fundamento de tal concepção do mundo. E o que distinguiu Mehring dos demais, que também vinham da democracia burguesa, nessa passagem para o socialismo, foi que no terreno político se converteu num inimigo feroz e penetrante da monarquia alemã de sua época; de acordo com essa orientação desmascarou toda a história daquela lenda, toda a história da Prússia; sem que tivesse conseguido, não obstante, liquidar por completo todas as premissas ideológicas de sua evolução juvenil. Durante toda a sua vida Mehring conservou muito das tradições ideológicas, culturais e literárias de sua juventude. E essas tradições chocaram-se amiúde contraditoriamente com as conseqüências que ele mesmo tirava de sua concepção marxista do mundo, adquirida mais recentemente.<sup>2</sup>

A longa citação da opinião lukacsiana justifica-se, entre outros, pelos seguintes fatores: de uma parte, apresenta de forma concisa um perfil da figura intelectual de Franz Mehring e sua diferenciação no interior do marxismo da social-democracia alemã da época; de outra, caracteriza as origens de sua visão enquanto crítico e elaborador marxista, responsável por uma linha de raciocínio teórico em relação à questão cultural e, em especial, da teoria estética marxista, totalmente diferenciada das vigentes no pensamento marxista do SPD, que terá o resultado de influenciar, bastante mais tarde, já na época da República de Weimar, no interior do Partido Comunista da Alemanha, o KPD, uma polêmica teórica que levaria ao surgimento de uma tendência que teria em Lukács um dos seus mais

salientes expoentes (ao lado de Karl August Wittfogel) e que propiciaria os fundamentos que definiriam toda a linha teórica da teoria estética marxista desenvolvida por ele daí em diante, até os tempos mais recentes, como a conhecemos através de sua grande obra teórica.<sup>3</sup>

Mas, para Mehring, havia uma herança cultural burguesa da melhor estirpe, exatamente devedora dessa visão de mundo, e ela devia ser resgatada pelo proletariado, de forma a servir de suporte para sua visão de mundo revolucionária, revivendo em novas bases aquele bloco histórico de 1848, evidentemente agora hegemônico pelo proletariado.

---

A importância de Franz Mehring para a conformação das bases de desenvolvimento do pensamento marxista, especialmente de uma teoria estética marxista, tem sido pouco discutida entre nós.

---

E isso nos leva a duas indagações. Vimos que nas comovidas e comovedoras palavras de Rosa Luxemburg ao “venerado amigo” Franz Mehring salienta-se com ênfase especial o resgate que a ele era devido da grande cultura burguesa, bem como a grandeza de ter mostrado ao proletariado que o socialismo “não era apenas uma questão de garfo e faca”, mas “um movimento de cultura, uma grande e poderosa concepção do mundo”. E que, finalmente, no momento em que “as inteligências de origem burguesa nos traem e se afastam de nós em rebanhos para retornar aos estábulos dos que mandam, podemos vê-los marchar com um sorriso de desprezo e dizer-lhes [...] arrancamos da burguesia alemã o último e o melhor que lhe restava de espírito, talento e caráter: Franz Mehring”. Configuram-se, pois, duas condições básicas expostas por Rosa Luxemburg; primeiro, que a parte sadia, revolucionária da cultura burguesa pertence e deve ser trazida para a cultura do proletariado; depois, que Franz Mehring representa o protótipo daquele intelectual burguês que se transfere para a classe operária exatamente a partir da visão de mundo burguês-revolucionária, já que passa a ver no proletariado “os herdeiros da filosofia clássica alemã”.

Lukács, da mesma forma, como acima se transcreveu, destaca tal qualidade de Franz Mehring e aponta que, en-

tre seus contemporâneos no SPD, Rosa Luxemburg foi um dos poucos que compreenderam a grandeza e a importância de Mehring para o desenvolvimento do pensamento marxista da social-democracia alemã. Não constitui novidade que Lukács manifeste também essa admiração por Mehring. Como se sabe, de uma parte, Mehring teve enorme papel e importância para o desenvolvimento do marxismo, nos aspectos a que estamos nos referindo, sobretudo em relação à história da sociedade e das origens e do desenvolvimento da social-democracia alemã. De outra, pelo fato de que as pesquisas, os estudos e as análises de Franz Mehring foram fundamentais para que Lukács pudesse iniciar e desenvolver seus estudos sobre filosofia e estética marxistas, pois não podemos esconder que as grandes linhas de análise lukacsiana a respeito da “decadência da arte burguesa moderna” e do resgate do “realismo burguês” estão diretamente vinculadas às teses mehringianas acima expostas.

Todavia, aqui é preciso um esclarecimento. A trajetória intelectual de Lukács desenvolveu-se baseada em várias fontes teóricas, desde suas primeiras vinculações kantianas, passando por seu “período alemão”, no qual Simmel e Max Weber foram os maiores nomes que nesse período exerceram sobre ele considerável influência, como, aliás, declarou,<sup>4</sup> até sua conversão ao marxismo, na qual sua primeira grande referência eram as teses de Rosa Luxemburg.<sup>5</sup> Entretanto, as anotações lukacsianas oferecem outras pistas que merecem ser destacadas. Uma delas refere-se à questão dos dois Liebknecht citados em sua análise: Wilhelm e Karl (pai e filho). Com relação a Karl Liebknecht (o grande revolucionário que, ao lado de Rosa Luxemburg e Franz Mehring, se opôs violentamente ao apoio da social-democracia aos créditos de guerra para o governo imperial travar a guerra de 1914, finalmente votados em 4 de agosto de 1914, no *Reichstag*, com somente dois votos contrários na imensa bancada social-democrata (de Karl Liebknecht e O. Rühle), e que a partir daí liderou a campanha lançada contra a guerra pelos divergentes de esquerda que viriam a formar a Liga Espartaquista, embrião do futuro KPD), Lukács salienta que sua compreensão a respeito dessa problemática das teses mehringianas decorria do fato de a ter herdado diretamente da figura paterna, Wilhelm Liebknecht. Um dos fundadores do movimento social-democrata na Alemanha e um dos promotores, juntamente com Bebel, da unificação de 1875, no Congresso de Gotha, do movimento operário e socialista alemão, criando o SPD, Liebknecht era um perfeito tipo que se enquadrava nessa visão revolucionária de 1848, tendo participado ativamente das lutas

empreendidas por Marx e Engels, dos quais era contemporâneo e grande amigo. Porém, Lukács adverte que o velho Liebknecht fora criticado severamente por Marx por sua atuação política nesses episódios. De fato, conhecemos as ressalvas que principalmente Marx (embora Engels, à época, também compartilhasse das mesmas) fizera a respeito do sentido dado por Liebknecht e Bebel à aliança com os lassallianos para unificar o movimento operário da Alemanha e transformá-lo em partido político organizado. E diante das severas e para eles injustas críticas dos fundadores às suas ações, Bebel e Wilhelm Liebknecht sempre reagiram, embora com cuidado, afirmando que o fato de Marx e Engels estarem afastados de há muito da Alemanha, de terem permanecido distante do desenvolvimento das lutas operárias aí travadas, os tinha tornado despreparados para avaliar aquilo que realmente se passava. Por sua vez, as afirmações de Wilhelm Liebknecht (e também de Bebel) indicavam ainda que tanto Marx como Engels haviam ficado extremamente presos ao velho espírito de 1848, da grande unidade de luta entre as facções progressistas da burguesia e o “povo oprimido”, condição que já não se dava então, passados quase trinta anos.

De tudo isso, derivava também a posição de Marx e Engels diante do problema da coalizão entre o partido operário e os chamados partidos burgueses. Marx sempre considerou aceitável uma aliança de seu partido com outros partidos, se esta servisse aos interesses do movimento revolucionário. Isso não só é válido para a revolução de 1848: a crítica que Marx e Engels fizeram em 1863 e, depois, aos seguidores de Lassalle devia-se sobretudo ao fato de que eles haviam deixado a burguesia liberal sozinha na luta contra Bismarck e o feudalismo, limitando seus ataques unicamente aos capitalistas e não aos *Junkers* prussianos. Mesmo nos últimos anos de sua vida, Marx se identificava plenamente com o movimento revolucionário russo e, portanto, com um movimento de camponeses dirigido por intelectuais, ainda que ele nada tivesse com o proletariado ou com o socialismo proletário [...]<sup>6</sup>

Ou, então, conforme as seguintes anotações do mesmo analista:

Várias razões contribuíram para essa reserva de Marx e Engels. Em primeiro lugar, jamais compreenderam bem a especificidade real dos partidos operários europeus que se formaram após 1863. Marx e Engels descobriram que esses partidos comportavam-se de uma maneira totalmente diferente daquela que consideravam correta. Mas a causa desse desvio estava, segundo eles, nos erros dos líderes e na rudeza pequeno-burguesa de seus membros. Marx e Engels

criticavam duramente as diferentes ações de Lassalle e Liebknecht. Por trás dessa crítica sempre estava a convicção de que os partidos socialistas são sempre ou devem ser também partidos revolucionários no estilo de 1848, e de que seria suficiente expulsar os maus chefes e combater os preconceitos pequeno-burgueses dos seus membros para que tudo voltasse ao normal. Marx e Engels não compreendiam que, depois de 1863, nada tinham a ver com os diversos erros dos partidos socialistas, mas com um novo tipo de partido, e que esse partido corporativista dos operários europeus era uma coisa diferente do marxismo revolucionário.<sup>7</sup>

---

Vimos que nas comovidas e comovedoras palavras de Rosa Luxemburg ao “venerado amigo” Franz Mehring salienta-se com ênfase especial o resgate que a ele era devido da grande cultura burguesa, bem como a grandeza de ter mostrado ao proletariado que o socialismo “não era apenas uma questão de garfo e faca”, mas “um movimento de cultura, uma grande e poderosa concepção do mundo”

---

A análise de Rosenberg, evidentemente, reflete sua postura de crítico feroz ao sentido que percorreu todo o movimento social-democrata alemão: corporativista e obreirista. Mas, apesar disso, não se pode deixar de levar em conta que contém uma dose de realidade inegável. Entretanto, tem também o valor de mostrar que há um equívoco de Lukács no que se refere ao velho Liebknecht e à crítica de Marx a ele. De uma parte, não se pode negar que Wilhelm Liebknecht fosse um homem típico de 1848; ele viveu e lutou esses momentos revolucionários. Porém, regressou à Alemanha e em 1869 fundou o Partido Operário Social-Democrata Alemão, em Eisenach, juntamente com August Bebel. Eleito deputado ao Reichstag desde 1864, preso várias vezes, mesmo como

deputado, conduziu, sempre com Bebel, o partido no sentido de unir o movimento operário alemão. Em 1875, no Congresso de Gotha, promoveram a unificação com a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, fundada em 1863 por Lassalle, fazendo nascer o SPD. Assim, mesmo sendo um homem de 1848, percebera perfeitamente o sentido que as coisas estavam tomando e que, “depois de 1863”, como chama a atenção Rosenberg mais acima, as coisas já não eram as mesmas. Isso quer dizer que em 1863 Lassalle fundara a Associação dos Trabalhadores, que era um movimento operário formado para lutar e defender reivindicações corporativas e classistas dos operários urbano-industriais. E mais que isso: Lassalle procurava agir dentro do sistema bismarckiano, buscando travar uma luta nos seus quadros legais possíveis; o que lhe valeu até mesmo a acusação de querer se aliar a Bismarck para derrotar os “marxistas”. E tais eram as reservas de Marx e Engels ao movimento de aproximação de Bebel e Liebknecht com o “lassallismo”.<sup>8</sup>

Diante de tais razões, devemos considerar que a posição defendida nas teses de Mehring a respeito da “decadência das idéias burguesas pós-1848” apresentava dificuldades para ser assimilada pelos expoentes da nova geração de pensadores social-democratas, saídos eles próprios exatamente dessa nova situação apontada por Rosenberg com a fundação dos partidos operários europeus, especialmente do SPD. Daí que, em sua defesa-reabilitação de Mehring, em 1903, no Congresso de Dresden, Karl Kautsky procurasse defender a luta mais recente de Mehring, isto é, de 1894-1896, afirmando que fora deturpada por um “clima de mistura” lassalliano que se infiltrara no partido.

Mas é preciso, pois, tecer algumas considerações e apontar as relações que tudo isso mantém com a problemática que estamos discutindo neste trabalho. De início, seria interessante voltar a destacar a “linhagem” mehringiana em relação à grande cultura burguesa ou ao “espírito de 1848”. Aqui, o que se quer salientar é que, para Mehring, toda a visão de mundo e em particular a visão da cultura da burguesia que por longos anos influenciara a vida cultural dos países europeus até 1848, com suas generosas aspirações de uma nova sociedade, democrática e livre, contrária àquela visão feudal, fechada e totalitária, era que deveria presidir a orientação da social-democracia no sentido da sua visão da cultura. Assim, essa *Burschenschaft*, cujo período heróico havia “começado depois de Waterloo e findara-se historicamente com as jornadas de 1848”, fora perdida pela burguesia dominante. Essa conotação de tentar resgatar a visão de mundo pró-

pria da burguesia revolucionária era, como aponta Lukács na citação acima, parte da herança cultural do movimento da social-democracia e fora perdida pelos jovens pensadores pertencentes a uma nova geração de revolucionários, que, segundo Lukács, não tiveram a genialidade de Lênin, que se manteve profundamente ligado a esse sentido jacobino do pensamento burguês, tomando-o como base, ou melhor dizendo, como parte do pensamento revolucionário proletário que não devia e não podia abrir mão desses resultados democráticos e revolucionários acumulados no curso da história do desenvolvimento da humanidade.<sup>9</sup>

Em certo sentido, ainda usando as indicações de Lukács, Mehring, embora muito mais jovem (nasceu em 1846 e, como tal, não poderia ter vivido o período heróico da *cultura burguesa*), se ligou a círculos culturais alemães que eram remanescentes dessa visão de mundo e neles se formou enquanto intelectual. E no curso de sua vida intelectual, no período em que não havia ainda aderido à social-democracia, Mehring exerceu sua vida de crítico em publicações alemãs que se ligavam a tais círculos burgueses que se mantinham vinculados a essa visão perdida da grande tradição burguesa. De maneira que, ao optar por aderir à social-democracia, em 1891, à época do Congresso de Erfurt, quando já contava 45 anos de idade, trouxe para o interior do partido essa vinculação à grande tradição cultural burguesa, sendo, como diz Lukács, um dos poucos que a mantiveram no interior do SPD.

Porém, essa vinculação à grande e generosa visão cultural da burguesia revolucionária não permaneceu e a *Intelligentsia* alemã da época guilhermina foi contaminada pelas aspirações conservadoras e reacionárias impostas pela visão *Junker*-prussiana, da qual a obra bismarckiana fora a representação mais consistente no campo político. E seria nessa realidade que Mehring travaria sua primeira grande batalha contra essa nova intelectualidade burguesa, que já não mantinha os fundamentos daquela visão cultural do período heróico do pensamento burguês, mas também zelaria para que o marxismo, enquanto pensamento científico, não fosse contaminado por essa nova visão burguesa positivista e naturalista, permanecendo como o herdeiro da grande tradição cultural burguesa revolucionária.

Uma de suas obras fundamentais para exatamente mostrar como essa herança da cultura revolucionária burguesa fora desprezada pela burguesia alemã do tempo do *Reich* bismarckiano foi *Lessing-Legend*. Publicada inicialmente em ensaios na *Die Neue Zeit*, o trabalho encantaria o velho Engels que, em 16 de março de 1892, se apressaria a escrever a Bebel:

Acabo de ler também a *Lessing-Legend* de Mehring na *Die Neue Zeit*, que me agradou muito. É verdadeiramente um trabalho excelente. Eu teria raciocinado ou matizado de outro modo algumas coisas, mas em seu conjunto soube captar o objetivo. É verdadeiramente satisfatório ver como a concepção materialista da história, depois de ter sido durante vinte anos geralmente denegrada como uma frase feita nos trabalhos dos jovens membros do partido, começa finalmente a ser usada pelo que em realidade era: um guia para o estudo da história. Sob este aspecto, Kautsky e Ede [Eduard Bernstein] produziram coisas valiosas, mas Mehring estudou com maior precisão seu argumento específico, o viés prussiano da história alemã, e tem por outra parte uma visão mais livre e sobretudo um modo de expressar mais seguro e preciso.<sup>10</sup>

Entretanto, quando publicou sua *Lessing-Legend* em forma de livro, Mehring resolveu incluir um apêndice que teria enorme repercussão em todo o movimento social-democrata, inclusive aumentando ainda mais a admiração de Engels pelo escritor. O texto incluído foi “Sobre o materialismo histórico”, que, inexplicavelmente, nos anos posteriores desapareceu das novas edições do livro, sendo publicado, quando o era, separadamente.

Se analisarmos o texto de “Sobre o materialismo histórico”, podemos ver que, na verdade, ao procurar analisar e desenvolver os fundamentos do método criado por Marx e Engels, Mehring estava de fato travando uma luta ideológica e metodológica contra a ciência oficial alemã, especialmente a ciência da história, que se recusava ferozmente a aceitar o método de Marx e Engels:

O mundo burguês enfrenta hoje o materialismo histórico quase do mesmo modo como enfrentou há uma geração o darwinismo e há meia geração o socialismo. Censura-o sem entendê-lo. Pouco a pouco e com muitas dificuldades compreendeu que o darwinismo é realmente algo diferente de uma “teoria sobre os macacos” e que o socialismo, de fato, não só quer “repartir” e “pôr as suas mãos ladras sobre os frutos de uma cultura milenar”. O materialismo histórico, todavia, lhes parece ainda digno de ser coberto com frases tão idiotas como baratas, com frases como por exemplo o ataque de que se trata de um “devaneio” inventado por um par de “demagogos talentosos”.<sup>11</sup>

E é interessante esclarecer que foi exatamente ao receber a edição do livro de Mehring, que incluía o apêndice *Über den historischen Materialismus*, que Engels se apressou a escrever-lhe, em 14 de julho de 1893, a hoje célebre carta,<sup>12</sup> na qual discute algumas teses metodológicas do materialismo histórico, principalmente escla-

recendo as relações dialéticas entre infra-estrutura e superestrutura, tão descaracterizadas já àquela época não somente pelos adversários do marxismo, mas até mesmo por muitos de seus defensores; anotações que lamentavelmente não foram levadas em conta pelos epígonos, seja pelos “ortodoxos” liderados por Kautsky, seja pelos revisionistas influenciados por Bernstein, e muito menos pelos “marxistas-leninistas”, que estabeleceriam uma forma de considerar essas relações entre base e superestrutura de forma mecanicista e pobre, estreita e rígida, que transformaria o materialismo histórico numa espécie de determinismo economicista.

Sobre a questão, para apontar ainda em tempos recentes como se manifesta essa visão mecanicista do marxismo enquanto método, ou seja, exatamente ao contrário das palavras do velho Engels, como “guia para o estudo da história”, seria interessante vermos como certos estudiosos “marxistas” enfocam a questão, exatamente partindo da visão de Mehring. Assim, no “Prefácio aos *Escritos filosóficos* de Mehring”, os editores alemães (da ex-Alemanha Oriental) destacam sua importância e seu papel, mostrando sobretudo sua atuação na luta contra o revisionismo, especialmente contra os neokantianos, entre os quais, um pouco à frente, incluem Max Adler, com certeza o filósofo austromarxista mais consistente e capaz que, como se poderá ver pelas análises aqui mencionadas, não poderia jamais ser incluído entre os neokantianos revisionistas da social-democracia alemã e austríaca, como fazem os analistas alemães da ex-RDA:

O mérito de Mehring foi o de ter assumido a luta contra o revisionismo filosófico dentro da social-democracia alemã. Em seus trabalhos dirigidos contra o império neokantiano defendeu o marxismo contra as falsificações idealistas, voltou-se contra as tentativas de uma “síntese com Kant” e contra a “complementação” do materialismo histórico através da gnosologia kantiana. De maneira igualmente decidida se opõe a uma “fundamentação” do socialismo científico através da ética kantiana. Sem diminuir em absoluto o extraordinário mérito intelectual de Kant, Mehring acentuou as limitações sociais e históricas da filosofia kantiana; salientou que a incognoscível “coisa em si” de Kant “significava um enorme retrocesso” diante do materialismo francês. Mehring ridicularizou a tentativa dos revisionistas neokantianos para converter Kant no “pai” do socialismo científico e fundar o socialismo na ética kantiana, demonstrando em seus trabalhos o quanto era grande o tributo que Kant havia pago precisamente em sua ética à situação reacionária da Alemanha de sua época. Nessas polêmicas com os neokantianos, Mehring conseguiu pôr a nu o caráter reacionário e burguês de todo o

“movimento de regresso a Kant”, e provar que o neokantismo não era, “por sua natureza objetiva, outra coisa senão uma tentativa para destruir o materialismo histórico” [...] Mehring defendeu também o materialismo filosófico contra outros adversários, contra os chamados neolamarckistas, que pretendiam voltar a introduzir de contrabando, através de um individualismo místico, a superstição que Darwin havia erradicado da biologia. Da maior significação para o movimento operário alemão foi a firme posição que Franz Mehring adotou contra a filosofia irracionalista e reacionária de Schopenhauer e de Nietzsche, caracterizando Schopenhauer como filósofo da burguesia atemorizada pela revolução de 1848, e Nietzsche, ao contrário, como representante da ilimitada voracidade do grande capital e de sua moral de senhores. Mehring acentuou, com toda razão, o caráter ultra-reacionário, antidemocrático, orientado em especial contra o movimento socialista, da filosofia de Nietzsche.<sup>13</sup>

Em primeiro lugar, deve-se valorizar a identificação de Mehring na luta contra o revisionismo, fato que já mencionamos antes e que caracterizou sua militância política e intelectual. Recorde-se a acolhida que deu à jovem Rosa Luxemburg na social-democracia alemã, com sua postura de apoiá-la nas posições contrárias às teses de Bernstein, na polémica de 1899, com seus artigos contra Bernstein, recolhidos, depois, em 1908, no livro *Reforma social ou revolução?*, com sua luta ao lado de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht contra as decisões do SPD de apoiar os créditos de guerra, em 4 de agosto de 1914, e também com sua participação na campanha contra a guerra, que levaria Liebknecht e Rosa Luxemburg à prisão e, depois, à morte, assassinados pelos Corpos Livres apoiados pelo governo majoritário do SPD, como se salientou acima.

Entretanto, se isso pode ser acentuado do ponto de vista da política, do ponto de vista teórico e metodológico dos fundamentos filosóficos da posição mehringiana “anti-revisionista”, salientada pelos editores alemães, já é uma outra história. Na verdade, manifesta-se aqui a postura dogmática e sectária do “marxismo-leninismo” em ver toda a polémica do *Bernstein-Debatte*, ou do debate sobre “a crise do marxismo” intensamente vivido por Mehring, sempre com as lentes maniqueístas do bem e do mal, atitude que, passado quase um século, permanece a mesma.

Por exemplo, a inclusão de Max Adler por parte dos redatores do “Prefácio” entre os “neokantianos” combatidos por Mehring é uma amostra desse maniqueísmo: “Esses ataques contra o marxismo dialético e histórico se

prolongaram até bem avançado este século, principalmente por parte do neokantiano Max Adler e do machiano Friedrich Adler.”<sup>14</sup> Ora, exatamente por sua singular colocação diante dos problemas levantados por Bernstein e mal resolvidos por Kautsky é que Max Adler salientou-se de forma clara e irrefutável no debate sobre a “crise do marxismo”, como se pode perceber pela extensa análise de Leonardo Paggi, e também pelas afirmações de Giacomo Marramao aqui mencionadas. De fato, o que podemos inferir das várias análises é que a posição do filósofo austromarxista era a de fugir à postura, da mesma forma maniqueísta, diante da questão do debate sobre a “crise do marxismo” e que essa posição foi de importância para influir no sentido de que a maior parte dos seus companheiros assim também o fizesse:

Não por acaso, no artigo de 1937, Bauer salientava o significado político da batalha filosófica de Max Adler e de sua atenção em torno do neokantismo, pelas necessidades colocadas ao movimento operário por uma situação em que a cultura e a ciência burguesas, abandonando as posições reacionárias de enclausuramento preconceituoso, confrontavam-se positivamente com o marxismo e haviam isolado e incorporado os seus conteúdos analíticos para esvaziá-lo do caráter revolucionário que dele derivava, ao relacionar tais conteúdos a uma concepção geral do processo histórico.<sup>15</sup>

O que Giacomo Marramao salienta é que Bauer procurava demonstrar que Adler havia enfrentado a onda do *Zurück auf Kant* existente tanto no pensamento burguês de melhor qualidade como no interior do pensamento da social-democracia,<sup>16</sup> sobretudo nas posições revisionistas de Bernstein, Schmidt e outros, a partir de *dentro*, ou seja, tomara como ponto de partida as próprias fundamentações kantianas para se opor ao neokantismo, que procurava desevolucinar (*entrevolutionieren*) o marxismo. Assim, Marramao transcreve um outro trecho de Bauer para mostrar essa posição:

De Stammler a Rickert e Kelsen se desenvolve uma crítica a Marx que, valendo-se de argumentos kantianos, gnósio-críticos, contesta a possibilidade de uma ciência das leis causais do desenvolvimento social. De tal modo, a teoria marxiana da necessidade histórica e da inevitabilidade da revolução social devia ser superada e o socialismo reduzido a um postulado ético, a uma mera máxima de avaliação e de ação no âmbito do ordenamento social existente.<sup>17</sup>

Em seguida, Marramao reafirma:

A tentativa teve pleno sucesso no momento em que essa crítica a Marx exerceu uma fortíssima influência

sobre todo o “revisão teórico” que se desenvolvia em sintonia com a prática reformista do movimento operário, e envolve uma larga faixa de intelectuais e dirigentes socialistas, os quais — de Conrad Schmidt a Staundinger, de Vorländer a Eisner e até o próprio Bernstein — tentaram fundir, de modo mais ou menos eclético, o marxismo com o neokantismo. É aqui que se insere, para Bauer, “a obra original de Max Adler”, que percebe esse “mais alto nível” da crítica burguesa a Marx e, diante da complexidade da nova situação, se dá conta da absoluta esterilidade a que estaria condenada qualquer insistência ou volta à velha ortodoxia do marxismo segundo-internacionalista. Ao mesmo tempo, ele vê nas posições revisionistas uma substancial subalternidade ao reducionismo e ao empirismo da crítica burguesa que arriscava favorecer o achatamento pragmático e evolucionista da política do movimento operário. Se Adler, então, submete seriamente a exame e aprofunda a crítica de Stammler, Rickert e Kelsen ao marxismo, reintegrando na própria concepção aquilo que retém do “núcleo racional” do neokantismo, ele o faz para readequar a teoria marxista a um nível mais elevado e complexo da organização capitalista e da luta de classes. “Ele — escreve ainda Bauer — não acolhe o neokantismo para combiná-lo ecleticamente, como os revisionistas, com o marxismo, mas para defender, exatamente com os instrumentos da crítica kantiana do conhecimento, a ciência marxista de toda mistura revisionista, separando-a nitidamente de qualquer fundamentação ética do socialismo.”<sup>18</sup>

Percebe-se, pelas argumentações de Marramao, calçadas em intervenções de Otto Bauer, que Max Adler não podia ser identificado como um mero neokantiano, a exemplo de outros pensadores social-democratas alemães e mesmo austríacos, já que procurava exatamente refutar, a partir das próprias fundamentações kantianas e neokantianas, a tentativa revisionista de acoplar Kant a Marx e dar uma epistemologia kantiana ao marxismo.

Por sua vez, se tomarmos a formidável análise de Leonardo Paggi no ensaio aqui considerado, que tem como raciocínio básico exatamente discutir a questão do marxismo, os intelectuais e a cultura no marxismo da Segunda Internacional, particularmente destacando as teorias de Kautsky e Max Adler, poderemos ver que a afirmação dos redatores alemães orientais, no “Prefácio” ao livro de Mehring sobre os *Escritos filosóficos*, não tem o menor sentido e reflete claramente a visão sectária e dogmática, maniqueísta, a respeito do debate sobre “a crise do marxismo”, colocando de um lado os “bons”, ou seja, aqueles que se posicionam do ponto de vista da “ortodoxia”, e do outro os “maus”, ou seja, os “revisionistas”. Mas, por

essa posição, “revisionistas” são todos aqueles que não seguem a cartilha do “marxismo-leninismo” professado pelos intelectuais da Alemanha oriental de então; são todos os que procuram fazer avançar o pensamento marxista, incorporando a ele os resultados mais elevados conseguidos não somente por elaborações vindas de pensadores marxistas, mas também de parte dos intelectuais “burgueses” que procuram seriamente refletir em torno dos grandes problemas colocados para as ciências sociais e humanas e, mais restritamente, para a filosofia, graças ao desenvolvimento da sociedade capitalista.<sup>19</sup>

Ainda referindo-se a essa posição de Mehring, podemos ver, pois, no ensaio de Leonardo Paggi, uma avaliação que caminha no mesmo sentido da de Marramao, que, aliás, a ela se refere explicitamente em nota de rodapé, quando discorre sobre os raciocínios acima mencionados. Dessa forma, Leonardo Paggi situa a intervenção de Mehring no debate sobre os intelectuais e o marxismo destacando sua postura quando de uma polêmica semelhante surgida no interior do SPD, já depois do lançamento de seus ensaios sobre *A lenda de Lessing e “Sobre o materialismo histórico”*. Em primeiro lugar, como antes mencionamos, a questão relaciona-se ainda com a posição de Mehring a respeito da decadência da grande cultura burguesa a partir de 1848:

[...] no fundo, também está subjacente nesse caso o esquema da irreversível decadência da cultura burguesa. Depois de recordar o período heróico da *Burschenschaft*, com matizes parecidos com aqueles que são encontrados no trabalho de Adler, que tendo começado depois de Waterloo findara-se historicamente com as jornadas de 1848, Mehring afirmava que era totalmente inconcebível que os estudantes, enquanto classe, pudessem “voltar novamente à cena do desenvolvimento histórico”. Em virtude do próprio nível alcançado pela luta de classes podia-se excluir que os estudantes fossem capazes de trazer para o movimento operário qualquer elemento posterior de clareza; defender o contrário era querer dizer que o movimento social-democrata, tal como fora construído, encontrando suas bases nas massas operárias, “não estava ainda maduro para a solução da tarefa histórica mundial”.<sup>20</sup>

Tratava-se de uma discussão sobre a questão da arte e a classe operária. Nela, Mehring afirmava, numa intervenção na *Die Neue Zeit*, em 1896, a respeito do Congresso de Gotha, quando o mesmo foi “envolvido por uma grande discussão sobre o modo como o proletariado devia se comportar em relação às tendências artísticas mais recentes”, que “os operários desprezam profundamente o tipo de arte com que a burguesia atualmente se deleita e vêem

na arte moderna um fenômeno significativo que os anima ainda mais em sua luta”. E que a arte moderna “nasce dos meios burgueses e é o reflexo de uma decadência ininterrupta, que nela se reflete fielmente”.<sup>21</sup>

Porém, se até aqui havia uma certa má vontade da social-democracia alemã para com a intelectualidade acadêmica, começava a se impor uma condição que apontava no sentido de se ter que levar em conta a necessidade de uma aproximação e de um debate com essa intelectualidade: a questão da ciência e do saber. Atrás, nos referimos ao fato de que a partir de 1883, com a fundação da *Die Neue Zeit*, a social-democracia procurava dar a público um veículo que fosse capaz de exprimir os posicionamentos do partido e do pensamento marxista social-democrata, numa forma “acadêmica” e não meramente panfletária e programática. Em 1905, Kautsky, ao publicar o índice dos primeiros vinte anos da revista, dirá que

a capacidade de consolidação da revista, enquanto unidade de “órgão de partido” e “órgão científico”, passara, primeiro no momento de sua constituição e depois durante a discussão sobre o revisionismo, por sua capacidade de apresentar uma imagem do marxismo claramente separada e até frontalmente oposta às tendências que operavam na cultura alemã: “As leis de exceção, ao frustrarem os sonhos dos Schäßfle, de Höchberg, dos rodbertusianos, etc., também puseram fim às tentativas de publicar uma revista científica do socialismo como órgão dos intelectuais da social-democracia para a conquista dos intelectuais da burguesia.”<sup>22</sup>

Desse modo, se as leis anti-socialistas impediram que camadas progressistas da intelectualidade burguesa mantivessem suas publicações (as revistas de Schäßfle, de Höchberg e dos rodbertusianos), impediram também que a social-democracia tivesse uma revista ampla, aberta para tentar “a conquista dos intelectuais da burguesia”. Entretanto, cinco anos depois da promulgação das leis anti-socialistas, isto é, em 1883, e apesar das mesmas, o SPD, graças a um arranjo “comercial” com o editor Dietz, lançava a revista *Die Neue Zeit*, que nada mais era que um “órgão de partido” e um “órgão científico”, exatamente como na avaliação de Kautsky. Em seguida, em 1895, quase no momento em que se travava a discussão na qual Mehring divulgava as opiniões que mais acima transcrevemos, o SPD publicava uma nova revista, exatamente com a finalidade de ser um “órgão acadêmico” do socialismo. E seu título não deixava dúvidas quanto a isto: *Sozialistischer Akademiker*, “ou seja, uma revista feita por intelectuais social-democratas e dirigida especificamente para os problemas da cultura”.<sup>23</sup> No

artigo programático da *Sozialistischer Akademiker* nº 1 podia-se ler:

Reprovam-nos porque existem muitas obras que têm uma força agitativa extraordinária. O fato é que existe também uma literatura burguesa que, levando em conta as conquistas da ciência moderna, e, por conseguinte, também do socialismo, procura justificar, com uma lógica não muito rigorosa, a atual sociedade. Não se trata de uma literatura unitária, “fechada em si mesma”; pelo contrário, se serve dos sistemas filosóficos mais diversos e tem uma influência sobre o mundo da cultura que não pode ser desprezada. A imprensa socialista não tem a capacidade suficiente para acompanhar dia-a-dia tais teorias em seus detalhes, porque os leitores para os quais é destinada propriamente, isto é, as fileiras dos trabalhadores assalariados, têm a necessidade de outros alimentos que não as “especialidades” do mundo da “cultura”. A inteligência dos trabalhadores é muito sadia para não distinguir os traços característicos dos absurdos dessas teorias e nesse sentido seria supérfluo insistir ainda mais no tema. Esse é um ponto que tem não pouca importância mesmo para o mundo acadêmico. De fato, essas teorias servem para confundir determinada inteligência que poderia ser utilizada de outra maneira, e da mesma forma, uma coisa talvez igualmente importante, formam em grande parte os fundamentos das opiniões políticas desses meios. Nosso periódico, baseando-se na sólida lógica do socialismo, deve lançar um protesto contra a pretensa superioridade desses meios.<sup>24</sup>

Percebe-se, tanto aqui como na declaração de Mehring logo acima, a perigosa linha de afirmar a possibilidade da existência de uma ciência e de uma arte proletárias em oposição a uma ciência e uma arte burguesas, a que já nos referimos atrás. E essa opção, pelo que até aqui temos considerado, não fugiria ao sentido das teses defendidas pelo SPD diante da inteligência alemã, que não somente era vista como a portavoz da visão de mundo da burguesia no campo do saber e das artes e também por não nutrir qualquer forma de simpatia pelo socialismo e pelo marxismo, mas aparecia como inimiga de classe incapaz sequer de manter uma polêmica digna com o pensamento marxista, isto é, socialista. E nesse sentido, o enfoque mehringiano da cultura e da arte reafirmava os fundamentos dessa visão que imperava no interior do SPD, da “decadência da cultura burguesa”. Parecia, assim, que estava superada a etapa da possibilidade da reconstrução do grande bloco histórico de 1848, entre intelectuais e o “povo oprimido” (proletariado), que agora deveria cuidar de criar sua arte, sua ciência e sua cultura.

E nesse período não se pode negar que Franz Mehring exerceu não somente uma grande ação enquanto pensa-

dor, mas também provocou uma grande polêmica interna no SPD com suas teses; polêmica que se desenvolveu através principalmente da *Die Neue Zeit*, nos anos de 1894 a 1896.<sup>25</sup> E aqui entramos nos debates que começavam a ser travados no interior do SPD, envolvendo uma série de problemas que passavam a influir diretamente na existência do partido e que caracterizaram o cerne da grande polêmica sobre a “crise do marxismo”. São as polêmicas anunciadoras do *Bernstein-Debatte*: recorde-se que a série de artigos de Eduard Bernstein sobre os “Problemas do socialismo” é publicada entre 1896 e 1898 na *Die Neue Zeit* e que seu livro emblemático sobre *As premissas do socialismo e as tarefas da social-democracia* é de 1899.

Especialmente sobre o problema que nos interessa de perto, dos intelectuais, iniciam-se debates que mostram sérias reações às posições dominantes, teorizadas por Mehring. Tratava-se de levar em conta que a sociedade alemã estava se tornando mais complexa em termos de estratificação social, graças a um profundo desenvolvimento do capitalismo, e novos estratos sociais, inclusive camadas médias situadas entre a burguesia e o proletariado, apareciam e começavam a jogar um papel social e político importante na sociedade.

E um desses estratos médios que começava a aparecer significativamente na vida social e política — com uma feição diferenciada daquela camada de intelectuais do passado —, era aquele formado por cientistas, escritores e artistas, enfim uma nova categoria de intelectuais. Assim, uma nota editorial da *Die Neue Zeit* afirmava: “Duas grandes questões ocupam atualmente nosso partido: por um lado, sua posição diante das diversas classes da população agrícola e, por outro, sua posição em relação aos diferentes estratos da chamada inteligência.”<sup>26</sup> Pode-se ver que a afirmação contida na revista teórica do SPD sugere que o movimento político da classe operária devia enfrentar uma questão extremamente original e nova, que aparecia naquele período de sua história precisamente em decorrência do desenvolvimento do sistema capitalista de produção e das transformações pelas quais passava em virtude das novas configurações que se colocavam diante da cada vez mais complexa realidade desse desenvolvimento.

Hoje, não se pode negar que, para enfrentar tal situação, a social-democracia alemã teria que buscar na teoria marxista o embasamento para balizar sua ação enquanto movimento político na sociedade alemã, o que inevitavelmente levava o sentido dessa pesquisa em direção ao estrato específico envolvido nas questões de teoria: os intelectuais. Dessa forma, as duas questões, ou seja, do socialismo e os intelectuais e do

---

E nesse sentido, o enfoque mehringiano da cultura e da arte reafirmava os fundamentos dessa visão que imperava no interior do SPD, da “decadência da cultura burguesa”. Parecia, assim, que estava superada a etapa da possibilidade da reconstrução do grande bloco histórico de 1848, entre intelectuais e o “povo oprimido” (proletariado), que agora deveria cuidar de criar sua arte, sua ciência e sua cultura.

---

socialismo e a questão agrária, aparecem extremamente imbricadas uma na outra.

Entretanto, da mesma forma que para a social-democracia alemã, também essas questões atingiam os estratos intelectuais burgueses, na medida em que as transformações capitalistas do período mostravam do mesmo modo para o pensamento burguês que a até então tranqüila realidade do capitalismo prussiano conformado por Bismarck já não mais podia atender às necessidades que estavam sendo colocadas pelas novas formas de produção que se instalavam na sociedade alemã.

Mas trata-se de matéria que deve ser analisada em outra parte.

- <sup>1</sup> Cf. "Carta de Rosa Luxemburg a Franz Mehring", em Franz Mehring, *Sobre el materialismo histórico y otros escritos filosóficos* (Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, n. 64, 1976), pp. 140-141. Essa carta, que permaneceu inédita por vários anos, foi publicada originalmente por Eduard Fuchs como "Prefácio" ao primeiro tomo das obras completas de Mehring, do qual Fuchs era testamenteiro e editor. Foi enviada por Rosa Luxemburg em 27 de fevereiro de 1916, por ocasião da comemoração dos setenta anos de vida de F. Mehring.
- <sup>2</sup> Györg Lukács, "Franz Mehring 1846-1919", em *Aportaciones a la historia de la estética*, apud Oscar Landi, "Advertencia", em Franz Mehring, *op. cit.*, pp. X-XII.
- <sup>3</sup> Ver, nesse sentido, Helga Gallas, *Teoría marxista de la literatura* (2. edição. México: Siglo Veintiuno Editores, 1977), especialmente "Fundamentación de una estética marxista", pp. 90 e ss. Helga Gallas traça os contornos da polémica travada por Karl A. Wittfogel, a partir das concepções de Mehring, para fundamentar uma teoria estética marxista. É de salientar, como se depreende da pesquisa de Gallas, que Lukács partirá das teses de Wittfogel, desenvolvidas nas páginas da revista *Die Linkskurve*, da Liga dos Escritores Proletários Revolucionários, nos anos de 1931-1932, para lançar os fundamentos de suas teorias sobre arte e estética, que aprofundará nas décadas seguintes e que, no geral, constituem a base de sua grande obra sobre estética marxista que hoje conhecemos. O livro de Helga Gallas é ilustrativo para nos situarmos num momento do debate marxista sobre arte e estética que, por ter-se dado numa revista teórica alemã ligada a uma organização de escritores comunistas, a BPRS, já nos anos finais da República de Weimar, não obteve grande repercussão fora daquele pequeno círculo de escritores alemães. Todavia, nessa discussão chocam-se as duas tendências (Brecht e Lukács) que já nas décadas de 1940 e 1950 teriam maior impacto com o "debate do exílio" a respeito do realismo e do expressionismo, no qual nomes como Brecht, Benjamin, Bloch, o próprio Lukács e outros se envolverão.
- <sup>4</sup> "[...] além do mais, hoje, não me desagrada ter aprendido os primeiros elementos das ciências sociais com Simmel e Max Weber e não com Kautsky. E não sei se hoje se poderia dizer que para minha evolução essa foi uma circunstância favorável" (ver "Terceira Conversa. Georg Lukács, Wolfgang Abendroth. Elementos para uma política científica", em *Conversando com Lukács* (Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1969), p. 101.
- <sup>5</sup> Certamente que a literatura a respeito da trajetória intelectual de Lukács é ampla e variada; citaria, entre nós, Michel Löwy, *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários. A evolução política de Lukács (1909-1929)* (São Paulo: LECH, 1979), e, também, dois pequenos — mas nem por isso menos importantes — estudos: Leandro Konder, *Lukács* (Porto Alegre: L & PM Editores, 1980); José Paulo Netto, "Introdução: Lukács: tempo e modo", em *Lukács* (São Paulo: Editora Ática, 1981), pp. 25-56.
- <sup>6</sup> Cf. Arthur Rosenberg, *Democracia e socialismo. História política dos últimos cento e cinquenta anos (1789-1937)* (São Paulo: Global Editora, 1986), p. 271.
- <sup>7</sup> *Ibid.*, p. 273.
- <sup>8</sup> O próprio Franz Mehring relata todas essas divergências em sua obra biográfica sobre Marx (ver "Os últimos dez anos", item "2. A social-democracia", em *Carlos Marx. El fundador del socialismo científico* (Buenos Aires: Editorial Claridad, 1943), pp. 442-448.
- <sup>9</sup> Para uma análise da relação dos fundadores com esse período heróico do pensamento revolucionário da burguesia, ver Arthur Rosenberg, *Democracia e socialismo. História política dos últimos cento e cinquenta anos (1789-1937)*, cit.; D. Riazanov, *Marx-Engels e a história do movimento operário* (São Paulo: Global Editora, 1984); Franz Mehring, *Carlos Marx. El fundador*, cit., entre outros.
- <sup>10</sup> Cf. Marx-Engels, *Werke*, vol. 39, apud "Nota bibliográfica", em Franz Mehring, *Sobre o materialismo histórico y otros escritos filosóficos*, cit., p. XIX.
- <sup>11</sup> F. Mehring, "Sobre el materialismo histórico (1893)", em *Sobre el materialismo histórico y otros escritos filosóficos*, cit., p. 3.
- <sup>12</sup> A "Carta a Mehring" pode ser consultada em Marx & Engels, *Obras escolhidas*, volume 3 (Rio de Janeiro: Editorial Vitória, s/d), pp. 292-296.
- <sup>13</sup> Cf. "Prefácio de los editores alemanes a los *Escritos filosóficos* de Mehring", em Franz Mehring, *Sobre el materialismo histórico*, cit., pp. 143-144. Aqui, além do mais, há não somente a citação do fato de que Mehring havia designado Nietzsche como "representante filosófico do grande capital financeiro", mas a *aprovação* por parte dos "marxistas-leninistas" da ex-Alemanha Oriental a respeito dessa caracterização totalmente inadequada. O que negavelmente demonstra quão estreito e pobre era o marxismo que continuavam professando sem dúvida alguma. Leonardo Paggi, a quem não escapavam essas distorções reducionistas de Mehring (como aponta, também, aquelas de tentar minimizar a questão entre marxismo e ciência, entre teoria e política, oferecendo as bases para a inferência a respeito da necessidade de que o proletariado crie a sua própria ciência e a sua própria arte), nos mostra o erro de tal postura (cf. "Intelectuales, teoría y partido en el marxismo de la Segunda Internacional. Aspectos y problemas", em Max Adler, *El socialismo y los intelectuales* (México: Siglo Veintiuno Editores, 1974), pp. 18 e ss.
- <sup>14</sup> Cf. "Prefácio de los editores alemanes a los *Escritos filosóficos* de Mehring", cit., p. 143.
- <sup>15</sup> Cf. Giacomo Marramao, "Saggio introduttivo", em *Austromarxismo e socialismo di sinistra fra le due guerra* (2. edizione. Milão: La Pietra, 1980), p. 15.
- <sup>16</sup> Especialmente sobre essa questão, ver a interessante análise de Leszek Kolakowski, "Austromarxistas, kantianos en el movimiento marxista, socialismo ético", em *Las principales corrientes del marxismo II. La edad de oro* (2. edición. Madri: Alianza Editorial, 1985), pp. 244-301.
- <sup>17</sup> O. Bauer, "Max Adler", artigo necrológico de 1937, apud G. Marramao, "Ensaio introdutório", cit., p. 15.
- <sup>18</sup> *Ibid.*, p. 16.
- <sup>19</sup> Sobre essa temática, seria interessante citar uma obra publicada entre nós mais recentemente, que, embora não se refira diretamente à *démarche* adleriana, oferece análises interessantes e pertinentes sobre a questão relacionada, no fundo, à grande *Methodenstreit* que, desde essa época até nossos dias, caracteriza o debate em torno do método nas ciências humanas e sociais; refiro-me a Michel Löwy, *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen. Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento* (5. edição. São Paulo: Cortez Editora, 1996).
- <sup>20</sup> Cf. Leonardo Paggi, "Intelectuais, teoria e partido", cit., p. 18.
- <sup>21</sup> *Ibid.*, p. 19.
- <sup>22</sup> *Ibid.*, p. 16.
- <sup>23</sup> *Ibid.*, p. 19.
- <sup>24</sup> *Ibidem*.
- <sup>25</sup> Para identificação dos protagonistas e dos ensaios publicados, ver L. Paggi, *op. cit.*, pp. 15 e ss.
- <sup>26</sup> *Die Neue Zeit*, XIII (1893-1894), vol. I, p. 551, apud L. Paggi, "Intelectuais, teoria e partido", cit., p. 20.